

DESAFIOS ÉTICOS E METODOLÓGICOS NA PESQUISA COM CRIANÇAS NA PÓS-GRADUAÇÃO

ETHICAL AND METHODOLOGICAL CHALLENGES IN RESEARCH WITH CHILDREN IN GRADUATE STUDIES

Elen Mara da Silva Neves

eleneves19@gmail.com

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Zilda Gláucia Elias Franco

zildaglaucia@ufam.edu.br

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Resumo:

Este artigo busca evidenciar a importância da ética na pesquisa com crianças e os desafios de definir e aplicar metodologias que possam valorizar esses sujeitos e suas culturas sem causar qualquer tipo de dano ou constrangimento, seja ele físico, emocional ou econômico, no contexto de uma pesquisa científica no âmbito da pós-graduação *stricto sensu*, em nível de mestrado. A metodologia utilizada foi a qualitativa do tipo bibliográfica, contando com Corsaro (2011), Campos (2008), Fernandes (2016), Barbosa (2014) e Kramer (2002). O estudo apontou o percurso metodológico adotado na pesquisa com crianças e evidenciou os desafios enfrentados, demonstrando que em todos os momentos foram respeitados os espaços e os tempos das crianças envolvidas na pesquisa e as normas éticas.

Palavras-chave: Criança, pesquisa, ética, metodologia.

Abstract:

This article seeks to highlight the importance of ethics in research with children and the challenges of defining and applying methodologies that can value these subjects and their cultures without causing any type of damage or embarrassment, be it physical, emotional or economic in the context of scientific research in the context of *stricto sensu* graduate studies at master's level. The methodology used was qualitative of the bibliographic type and has theoretical support from Corsaro (2011), Campos (2008), Fernandes (2016), Barbosa (2012) and Kramer (2002). The study demonstrated the methodological path used in research with children, which uses ethnography as a methodology for data collection. As a result, it was evident that there were many challenges faced during data collection, but that at all times the spaces and times of the children involved in the research were respected and the data were collected respecting all ethical precepts.

Keywords: Child, research, ethics, methodology.

INTRODUÇÃO

Este artigo busca evidenciar a importância da ética na pesquisa com crianças e os desafios de definir e aplicar metodologias que possam valorizar esses sujeitos e suas culturas

sem causar qualquer tipo de dano ou constrangimento, seja ele físico, emocional ou econômico, no contexto da pesquisa científica. Para tanto, este escrito vai trazer o contexto de uma pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades (PPGECH) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). A pesquisa conta com os estudos e diálogos produzidos no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Infantil (GPEDIN) e com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Por muito tempo, a criança e sua infância foram ignoradas na sociedade adulta. Foi somente a partir da Revolução Industrial, em meados do século XVIII, que a criança passou a ser reconhecida como ser que necessita de cuidados e atenção, bem como sua relação com a infância (Stearns, 2006). Desse modo, por um longo período, a criança e sua infância também foram invisibilizadas na pesquisa científica. Essa realidade só mudou quando se reconheceu a criança e sua infância como potenciais atores ativos na história da sociedade. Partindo desse princípio, a pesquisa intitulada *A relação do currículo e as infâncias da comunidade Cristolândia no Amazonas* busca dar voz e principalmente visibilidade às crianças e às infâncias dos territórios que abrangem os povos das águas, das florestas e do Campo.

A pesquisa surge a partir da infância de uma das autoras deste trabalho em território de floresta e de sua trajetória como professora do Campo atuando em territórios tanto das águas quanto da floresta desde o ano de 2009, onde experienciou diversas formas de viver as infâncias nesses territórios e recentemente as vivências das crianças da comunidade Cristolândia, durante a pandemia de Covid-19¹.

A infância da criança do Campo se desenvolve de maneira bem peculiar. Esses territórios são ricos em cultura, a qual é passada de geração em geração e possibilita formar a identidade das pessoas que neles residem. As crianças, como integrantes desses espaços, influenciam e podem ser influenciadas por essas culturas. Entre tantas características desses territórios, podemos citar a brincadeira como grande protagonista na formação dessas identidades. Nesses

¹ “A pandemia de Covid-19 foi assim classificada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no mês de março de 2020, três meses após a identificação do primeiro caso da doença na cidade de Wuhan, no sudeste da China. Desde então, a Covid-19, doença respiratória causada pelo vírus SARS-CoV-2, se fez presente em dezenas de países e contaminou mais de 655 milhões de pessoas, com o maior número de casos nos Estados Unidos” (Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/pandemia-de-covid-19.htm>. Acesso em: jun. 2024).

espaços, a criança tem constante contato com a natureza e com os animais, o que lhe permite ter experiências únicas em suas infâncias.

[...] no campo é possível viver a infância e ser criança para além dos espaços do trabalho, da ajuda. É possível, se aventurar, tomar banho de rio e andar de bicicleta pela roça, num convívio intenso com a natureza, os animais, a família e a comunidade (Conde, 2016, p. 55).

Vale ressaltar que as infâncias dos territórios campesinos se desenvolvem conforme suas realidades. Esses espaços compreendem os territórios das águas e das florestas, que possuem características próprias de vivenciar as infâncias.

Participam desta pesquisa quatro crianças, oito pais/responsáveis pelas crianças, a professora da Pré-Escola II (5 anos) e a pedagoga da escola. As crianças e suas famílias residem na Comunidade Cristolândia, um assentamento pertencente ao município de Humaitá – Amazonas, localizado à margem direita da BR 319, Km 55, sentido Porto Velho – Rondônia. São crianças que vivem suas infâncias em contato com a natureza e socializam com a família e com outras crianças as culturas próprias desse território.

A pesquisa tem uma abordagem qualitativa do tipo etnográfica e conta com os seguintes instrumentos para a coleta de dados: a entrevista semiestruturada, a pesquisa documental e bibliográfica, a observação participante, a roda de conversa, o diário de campo, o desenho, as gravações e as fotografias. As análises dos dados acontecem a partir da técnica da análise de conteúdo de Bardin (2020). Nesse sentido, apresentamos a seguir a abordagem da pesquisa e suas implicações, dando destaque aos instrumentos utilizados neste estudo e aos desafios de realizar a pesquisa etnográfica em territórios do Campo amazônico.

A ÉTICA NA PESQUISA ENVOLVENDO CRIANÇAS

Segundo Campos (2008, p. 35), “a criança faz parte da pesquisa científica há muito tempo, principalmente na condição de objeto a ser observado, medido, descrito, analisado e interpretado”. Nesse sentido, as pesquisadoras buscaram envolver-se no dia a dia das crianças pertencentes à Comunidade Cristolândia para observação do desenvolvimento de suas infâncias, seus fazeres, saberes e suas interações com os familiares e com os grupos de crianças nas mais variadas situações de convívio.

Por se tratar de uma pesquisa que tem como participantes seres humanos incluindo menores de idade, ela foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres

Humanos (CEP/CONEP/UFAM). De acordo com Fernandes (2016), a história da prática da ética na pesquisa com as crianças é considerada recente e surge somente quando a criança e sua infância conquistam espaço nos estudos sociológicos.

Em primeiro lugar, foi necessário criar espaço para a infância no discurso sociológico e depois houve que confrontar a crescente complexidade e ambiguidade da infância enquanto fenômeno contemporâneo e instável e passível de ser estudado em si mesmo, salvaguardando um conjunto de pressupostos éticos (Fernandes, 2016, p. 761).

Fernandes (2016) destaca que os primeiros textos que trouxeram para discussão a ética na pesquisa com crianças datam dos anos de 1990. Esse processo iniciou-se a partir do momento que se compreendeu a noção de infância, causando dessa maneira uma reformulação das bases ético-metodológicas na pesquisa com crianças.

Até então, a pesquisa com crianças esbarrava em dois argumentos que impediam que estas pudessem participar de pesquisas nas áreas das ciências sociais: o primeiro era o fato de serem consideradas imaturas para responderem a questionamentos, configurando os dados coletados com elas como sem valor científico; e o segundo, por estarem sujeitas a ser exploradas pelos pesquisadores por consistirem em seres vulneráveis, sendo essa uma preocupação oriunda da família.

Para a pesquisa com crianças, são necessários alguns cuidados: ao determinar a finalidade da pesquisa, verificar se as crianças terão algum custo no que diz respeito ao tempo que elas deverão contribuir ou inconveniências, invasão de privacidade e a confidencialidade; ter cautela no modo como se escolhem os participantes da pesquisa, observando como justificar os critérios de inclusão e exclusão e o consentimento informado voluntário para que não ocorra na criança um sentimento de obrigação de participar da investigação (Fernandes, 2016).

Desde a criação das normativas do Conselho Nacional de Saúde (Resolução 196/1996, revogada mediante a aprovação, pelo Conselho Nacional de Saúde, da Resolução 466/2012), que possibilitam a pesquisa com seres humanos, as crianças foram incluídas como potenciais colaboradoras, no entanto foram inseridas como integrantes dos grupos considerados especiais. De acordo com Barbosa (2014, p. 238), “[...] em 1983, foi discutida e incluída a perspectiva de buscar, sempre que possível, o consentimento das crianças e dos adolescentes e não apenas dos adultos responsáveis”, logo é necessário que a própria criança aceite fazer parte da pesquisa.

Nesse sentido, buscou-se reunir as crianças participantes da pesquisa em uma roda de conversa para explicar os motivos pelos quais elas haviam sido escolhidas. De forma simples e utilizando palavras de fácil entendimento para elas, foi realizada a leitura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

(TALE) e posteriormente elas realizaram a assinatura do documento fazendo um desenho e assinando seus respectivos nomes no local indicado.

Com o intuito de tornar visíveis as realidades das crianças da pesquisa e de dar imagem e voz a elas, pedimos ao CEP para divulgarmos seus nomes e rostos, no entanto não nos foi permitido. Apesar da recusa do Comitê de Ética em aprovar a divulgação das identidades das crianças, a pesquisa não deixará de dar visibilidade às infâncias do campo. Acreditamos que o rosto e as identidades, que propiciam representatividade às crianças, fazem parte do processo que, associados ao diálogo, à representatividade por meio dos desenhos, à transcrição de suas falas, são fundamentais. Nesse sentido, observamos que ainda há necessidade de mais entendimento por parte das pessoas que executam esse tipo de avaliação, dialogando, assim, com áreas como a Sociologia da Infância, que entende a criança como ser social e produtora de cultura, capaz de ser influenciada e influenciar o ambiente no qual ela esteja inserida.

Negar a revelação da identidade das crianças envolvidas e participantes ativas na pesquisa é recusar-lhes o direito de voz ativa nas pesquisas científicas desenvolvidas com sua participação e desconsiderá-las em suas infâncias vividas e retratadas por elas. Sem utilizar seus respectivos nomes para nos referirmos às crianças, elas se tornam mais uma vez invisíveis no contexto da pesquisa sobre suas próprias realidades.

Embora os estudos transcrevam seus relatos, elas permanecem ausentes, não podem se reconhecer no texto que é escrito sobre elas e suas histórias, não podem ler a escrita feita com base e a partir dos seus depoimentos. As crianças não aparecem como autoras dessas falas, ações ou produções (Kramer, 2002, p. 51).

Contudo, sabemos que existem outras formas de dar visibilidade às crianças e às infâncias do Campo, o que pode ocorrer por meio da valorização cultural pertencente a esses territórios cheios de possibilidades de vivenciar essas infâncias.

Mesmo não concordando com o parecer final do CEP, acatamos sua determinação. Com o cuidado e a ética em fazer cumprir o que se determinou, mantivemos a identidade das crianças e dos demais participantes desta pesquisa em absoluto sigilo, utilizando nomes fictícios para nos referirmos a cada uma delas, preservando assim suas identidades. Com a pesquisa aprovada no comitê de ética, passamos de fato às atividades de campo na comunidade. A seguir, apresentaremos as etapas propostas para a coleta de dados na pesquisa com as crianças da comunidade Cristolândia.

A abordagem metodológica da pesquisa

Para compreendermos como acontecem as relações do grupo pesquisado e a fim de alcançarmos os objetivos da pesquisa, optou-se pela abordagem qualitativa do tipo etnográfica, a qual permitiu maior aproximação das pesquisadoras com seu grupo de estudo, propiciando uma melhor apreciação das realidades.

As abordagens qualitativas de pesquisa se fundamentam numa perspectiva que concebe o conhecimento como um processo socialmente construído pelos sujeitos nas suas interações cotidianas, enquanto atuam na realidade, transformando-a e sendo por ela transformados. Assim, o mundo do sujeito, os significados que atribui às suas experiências cotidianas, sua linguagem, suas produções culturais e suas formas de interações sociais constituem os núcleos centrais de preocupação dos pesquisadores. Se a visão de realidade é construída pelos sujeitos, nas interações sociais vivenciadas em seu ambiente de trabalho, de lazer, na família, torna-se fundamental uma aproximação do pesquisador a essas situações (André, 2013, p. 97).

A etnografia foi escolhida por se mostrar a metodologia mais apropriada para alcançar os objetivos desta pesquisa, além de proporcionar uma aproximação mais íntima do cotidiano do grupo a ser pesquisado. No período de coleta de dados, as pesquisadoras foram inseridas por várias horas no cotidiano das crianças, tanto em suas residências quanto no espaço escolar. A aproximação com a realidade das crianças envolvidas na pesquisa possibilitou um olhar diferenciado de suas infâncias. Durante as observações, foi permitido interagir e participar de momentos do dia a dia delas e compreender as questões culturais presentes no território em que estão inseridas.

A etnografia é um método eficaz para estudar as crianças porque muitos recursos de suas interações e culturas são produzidos e compartilhados no presente e não podem ser obtidos facilmente por meio de entrevistas reflexivas ou questionários (Corsaro, 2011, p. 63).

Corsaro (2011) enfatiza que a etnografia se constitui de várias estratégias ou procedimentos que possibilitarão ao pesquisador um melhor envolvimento com seu campo de estudo, auxiliando-o na coleta de dados. Entre tantas estratégias ele destaca as seguintes:

- entrada no campo e aceitação no grupo social;
- coleta e escrita consistente de notas de campo, entrevistas formais e informais e descrição de artefatos;
- coleta de gravações audiovisuais de eventos acontecidos espontaneamente;
- coleta e análise de dados comparativos – incluindo casos negativos;
- construção de uma descrição detalhada (ou densa) da cultura do grupo estudado e da história do processo de pesquisa;
- interpretação da descrição densa e geração de uma teoria interpretativa construída a partir dos dados, o que implica buscar padrões nos dados indutivamente em vez de considerar hipóteses específicas preestabelecidas (Glaser e Strauss, 1967) (Corsaro, 2009, p. 84).

Nesse sentido, é importante que todas as etapas sejam planejadas e aplicadas seguindo os padrões de ética na pesquisa com seres humanos, pois assim a análise dos dados coletados durante a pesquisa torna-se mais contundente.

Procurando alcançar os objetivos traçados para a pesquisa, elencamos a seguir os instrumentos de coleta de dados utilizados para este fim. Vale ressaltar que apenas alguns deles estão diretamente direcionados às crianças envolvidas na pesquisa.

Os instrumentos de coleta de dados da pesquisa

Na busca por atender aos objetivos da pesquisa, foram escolhidos como instrumentos para a coleta de dados: a entrevista semiestruturada, a pesquisa documental e bibliográfica, a observação participante, a roda de conversa, o diário de campo, o desenho, as gravações e as fotografias. Contudo, trataremos aqui apenas dos instrumentos direcionados às crianças da pesquisa. São eles: a observação participante, a roda de conversa, o diário de campo, o desenho, as gravações e as fotografias.

O principal instrumento a ser utilizado na coleta de dados com as crianças foi a observação. Por meio desse instrumento, as pesquisadoras tiveram a oportunidade de realizar uma análise holística, ou seja, uma análise do todo, das realidades do grupo escolhido para o estudo, e verificar o mais próximo possível como ocorrem as relações das crianças com seus pares, além de, em algumas ocasiões, participarem dos momentos de brincadeira, quando convidadas por elas.

O valor da observação prolongada está em o etnógrafo descobrir como é a vida cotidiana para os membros do grupo – suas configurações físicas e institucionais, suas rotinas diárias, suas crenças e seus valores e a linguística e outros sistemas semióticos que medeiam essas atividades e contextos (Corsaro, 2009, p. 63).

Quanto à observação participante, Lakatos e Marconi (2003, p. 194) revelam que ela “consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste”. Partindo deste pressuposto, foi necessário adentrar no cotidiano familiar e escolar dos envolvidos na pesquisa para compreender como as relações nestes espaços se construía.

Delgado e Muller (2008) explicam que, quando se resolve trabalhar com a pesquisa etnográfica com crianças, está-se fazendo uma apreensão de significados de um grupo

complexo que exige do pesquisador um trabalho com uma ciência irregular e plural. Para elas, embrenhar nesse tipo de pesquisa é conviver com incertezas com relação aos estudos ligados às crianças, partindo do princípio de que agora as crianças constituem-se sujeitos de direitos e capazes de realizar interpretações relacionadas a seu ambiente social e cultural.

Na busca de uma maior interação entre as pesquisadoras e as crianças, foram propostas rodas de conversa a fim de ouvir os relatos das próprias crianças sobre suas vivências cotidianas, tanto no período em que elas estão na escola quanto no período em que se encontram em suas atividades com a família. Essas rodas de conversa permitiram às crianças relatarem sobre suas brincadeiras favoritas, as atividades que realizam com a família, o que mais gostam de fazer na escola e fora dela, entre outros temas, respeitando o que elas trazem de conhecimento oriundo da convivência com seus pares.

Campos (2008) ressalta que, para que haja um efeito satisfatório, o pesquisador nunca deve partir daquilo que considera apropriado como resultado para sua investigação, e sim daquilo que é mais significativo do ponto de vista das crianças. Um exemplo mais evidente a respeito são os conhecimentos prévios que as crianças têm, oriundos das relações construídas no ambiente no qual elas estão inseridas.

Ao se observarem as crianças, o desenho serviu como instrumento para compreender como elas percebem suas próprias infâncias. Corsaro (2011) esclarece que as crianças pequenas ainda não possuem a habilidade para se expressarem verbalmente, porém conseguem se comunicar mais facilmente por meio do desenho. Foi por meio do desenho infantil, aliado à fala, que as pesquisadoras instigaram as crianças a descreverem o dia a dia de suas infâncias.

O desenho e a oralidade são compreendidos como reveladores de olhares e concepções dos pequenos e pequenas sobre seu contexto social, histórico e cultural, pensados, vividos, desejados. [...] trata-se de conhecer as realidades sociais a partir de seus próprios olhares, na tentativa de ampliarmos nossos conhecimentos sobre as crianças a partir de si mesmas (Gobbi, 2005, p. 71-73).

Todas as informações obtidas por meio da observação foram registradas em um diário de campo, que permitiu uma análise posterior dos dados coletados. Durante a observação, as pesquisadoras estiveram atentas aos detalhes do dia a dia das crianças e registraram tudo o que lhes pareceu relevante à pesquisa.

O registro da observação é essencial e constitui o que se denomina 'diário de campo'. Neste diário, o pesquisador precisa registrar o que considerar relevante para a pesquisa no próprio local da pesquisa (*in loco*), o que pode ser complementado com anotações

mais estendidas, após se ter deixado o local da pesquisa, com o objetivo de se registrar fatos e impressões que poderão ser úteis na análise de dados. As notas devem ser tomadas de forma organizada para serem recuperadas facilmente no processo de pesquisa e análise de dados (Mainardes, 2009, p. 109).

Além do diário de campo, com a permissão dos responsáveis, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e das próprias crianças, por meio do TALE, foram adotados instrumentos audiovisuais para registro de falas e de imagens. Esses instrumentos possibilitaram às pesquisadoras realizarem uma análise mais profunda e autêntica das práticas das crianças em seus momentos de interação durante as brincadeiras ou em outras atividades no dia a dia escolar, em casa ou em outro espaço que elas frequentam.

A gravação audiovisual é útil para documentar as culturas infantis porque muitas de suas brincadeiras são não verbais, mas rápidas e altamente complexas. Como resultado, é muito difícil capturar a densidade e a complexidade das brincadeiras em notas de campo (Corsaro, 2011, p. 67).

Antes de serem divulgadas, todas as imagens registradas foram analisadas com o intuito de confirmar se a imagem do rosto das crianças não estava exposta. Aquelas imagens que constavam nitidez e possibilitavam a identificação dos participantes foram formatadas em aplicativo específico para desfocagem, preservando dessa forma seus rostos. Portanto, mesmo sem a autorização para identificá-las, a pesquisa busca o reconhecimento dos saberes e fazeres das culturas infantis de um território de floresta, repleto de inúmeras possibilidades de vivenciar as infâncias, permitindo que suas culturas possam ser vislumbradas.

Na busca de atender aos objetivos propostos na pesquisa desenvolvida no âmbito da pós-graduação, ficou evidente que os desafios fazem parte da pesquisa científica. Durante o período que compreendeu as primeiras atividades de campo, foram muitas as idas e vindas à comunidade, enfrentando obstáculos que envolveram desde o deslocamento ao local de pesquisa até os desafios meteorológicos, pois houve dias em que chegar até as crianças foi inviável por conta das chuvas que são comuns no período em que se realizou a coleta de dados.

Outros desafios, além da chegada a campo, fizeram parte da pesquisa, como a aceitação do grupo a ser pesquisado, as autorizações oriundas da secretaria municipal de educação em permitir adentrarmos no ambiente escolar, até a dos pais, autorizando as crianças a participarem da pesquisa. Contudo, o objetivo deste artigo, de evidenciar a importância da ética na pesquisa com crianças e os desafios de definir e aplicar metodologias apropriadas a partir da pesquisa bibliográfica, foi alcançado. Ficou evidente que a pesquisa do tipo etnográfica

consiste em um método adequado em razão de sua facilidade de aproximação com as realidades dos sujeitos envolvidos e de seus instrumentos que possibilitaram a coleta de dados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar a infância do campo compreendeu um desafio enriquecedor, especialmente pela busca por traçar metodologias para a coleta de dados que respeitasse as crianças, seus espaços, seus tempos e suas culturas, assegurando a ética, que é item primordial na pesquisa científica.

Todos os momentos planejados e realizados, traçados na metodologia desta pesquisa, seguiram rigorosamente as exigências do Conselho Nacional de Saúde no que tange à Resolução 466/2012, quando da pesquisa com seres humanos. Embora não tenhamos obtido a autorização para mostrar o rosto das crianças e divulgar seus nomes, sabemos e compreendemos que toda pesquisa que envolve seres humanos deve se comprometer com o sigilo absoluto das identidades dos participantes.

A pesquisa ainda se encontra em andamento e tem mantido o protagonismo das crianças por meio da transcrição exata de suas falas coletadas a partir de rodas de conversa, que nos proporcionaram ouvi-las sobre suas próprias infâncias, por meio da análise de seus desenhos e reprodução de fotos com desfocagem de seus rostos para manter seu anonimato. Esses foram os caminhos que encontramos para trazer as análises a partir das imagens, mesmo quando o comitê negou essa autorização.

Contudo, a pesquisa não perde seu brilho nem deixa de dar o protagonismo necessário às crianças participantes e suas infâncias, pois os objetivos traçados para este estudo estão sendo alcançados: mostrar a realidade da infância da comunidade, ouvir as crianças, identificar seus saberes e fazeres e compreender como elas veem suas próprias infâncias nesse território.

Espera-se que esta pesquisa sirva de incentivo para que outras investigações possam estar direcionadas às crianças e às infâncias camponesas e, o mais importante, que outras pesquisas possam, em suas metodologias, por meio de seus instrumentos de coleta de dados, preocupar-se com a ética na abordagem desses sujeitos que muito contribuem para a pesquisa científica, dado que suas vivências são ricas em diversidade cultural.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades (PPGECH), por permitir vivenciar a experiência da pesquisa; à Universidade Federal do Amazonas (UFAM), pela oportunidade de vivenciar a pós-graduação; ao Instituto de Agricultura e Ambiente (IEAA), ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Infantil (GPEDIN), por proporcionarem momentos de interação e troca de experiências e conhecimento; e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela concessão de bolsa.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli. O que é um estudo de caso qualitativo em educação? **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.nelsonreyes.com.br>. Acesso: jun. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2020.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. A ética na pesquisa etnográfica com crianças: primeiras problematizações. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 9, n. 1, p. 235-245, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/6389/3914>. Acesso em: jun. 2024.

CAMPOS, Maria Malta. Por que é importante ouvir a criança? A participação das crianças pequenas na pesquisa científica. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira. **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.

CNS – CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2024.

CONDE, Soraya Franzoni. O que as crianças do campo fazem fora da escola? Reflexões sobre cultura e infância em territórios rurais de Santa Catarina. **Crítica Educativa**, Sorocaba, v. 2, n. 2, p. 51-61, jul./dez. 2016. disponível em: <https://www.criticaeducativa.ufscar.br>. Acesso em: jun. 2023.

CORSARO, William A. Métodos etnográficos no estudo da cultura de pares e das transições iniciais na vida das crianças. In: CARVALHO, Ana Maria Almeida; MULLER, Fernanda. **Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 83-103.

CORSARO, William A. **Sociologia da infância**. Tradução Lia Gabriele Regius. Revisão técnica Maria Letícia B. P. Nascimento. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MULLER, Fernanda. Abordagens etnográficas nas pesquisas com crianças. *In*: CRUZ, Silvia Helena Vieira. **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisa**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 141-157.

FERNANDES, Natália. Ética na pesquisa com crianças: ausências e desafios. **Revista Brasileira de Educação**, v. 21, n. 66, jul./set. 2016. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/jqnwvt4rx8dlfnjkbpgnvfj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: jul. 2023.

GOBBI, Márcia. Desenho infantil e oralidade: instrumentos para pesquisas com crianças pequenas. *In*: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias. **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com Crianças**. 2. ed. Campinas: Autores associados, 2005. p. 69-92. (Coleção Educação contemporânea.)

GUITARRARA, Paloma. Pandemia de covid-19. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/pandemia-de-covid-19.htm>. Acesso em: 30 set. 2024.

KRAMER, Sonia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 41-59, jul. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/LtTkWtfzsbJj8LcPNzFb9zd/?format=pdf>. Acesso em: ago. 2024.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MAINARDES, Jefferson. **Pesquisa etnográfica: elementos essenciais**. Universidade de Ponta Grossa. 2009. Disponível em: <https://scholar.google.com.br>. Acesso em: jun. 2023.

STEARNS, Peter N. **A infância**. Tradução Mirna Pinnsky. São Paulo: Contexto, 2006.

Artigo submetido em 31/08/2024, e aceito em 04/10/2024.